



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES – IDA

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS - VIS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Arthur de Assis Rochadel

Oficina de Sinestesia para Alunos da Educação Infantil

Brasília, maio,

2022

Universidade de Brasília
Instituto de Artes – IDA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Arthur de Assis Rochadel

Oficina de Sinestesia para Alunos da Educação Infantil

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais,
habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes
Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cristina Azra Barrenechea.

Brasília, maio,
2022

Resumo

Este trabalho compreendeu o estudo e o planejamento de uma oficina para o desenvolvimento da criatividade e percepção sensorial com a utilização do conceito de sinestesia para alunos da Educação Infantil em escolas públicas do Distrito Federal (DF). Foi feita uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de sinestesia discutidos na área da psicologia e neurologia e suas aplicações na arte-educação abordando os autores Richard Cytowic, Sean Day, Jean Piaget, Fayga Ostrower, Lev Vygostky e Ana Mae Barbosa para subsidiar essa discussão. Na metodologia, buscou-se desenvolver atividades organizadas dentro de uma abordagem lúdica, para integrar o desenvolvimento sensorial ao desenvolvimento cognitivo e motor dentro da proposta da Educação Infantil.

Palavras-chave: sinestesia, educação infantil, arte, educação, percepção.

Abstract

This work comprised the study and planning of a workshop for the development of creativity and sensorial perception by using the concept of synesthesia for students of Early Childhood Education in public schools in the Federal District of Brazil (DF). A bibliographic review was carried out on the concepts of synesthesia discussed in the area of psychology and neurology and their applications in art education, studying the authors Richard Cytowic, Sean Day, Jean Piaget, Fayga Ostrower, Lev Vygostky and Ana Mae Barbosa to support this discussion. Concerning the methodology, we sought to develop activities organized within a playful approach, in order to integrate the sensory development with cognitive and motor development within the proposal of Early Childhood Education.

Keywords: synesthesia, child education, art, education, perception.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	6
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
2.1 O que é sinestesia?.....	6
2.2 Sinestesia e arte	10
2.3 Sinestesia e criatividade.....	15
2.4 Educação infantil e sinestesia-aplicabilidade.....	18
3.METODOLOGIA	21
3.1 Público Alvo.....	21
3.2 Planejamento da oficina.....	23
3.2.1 Aula 1.....	24
3.2.2 Aula 2.....	25
3.2.3 Aula 3.....	26
3.2.4. Aula 4.....	27
4. REFLEXÕES FINAIS	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa buscou-se abordar a sinestesia e suas possíveis aplicações na área da Educação Infantil, englobando as artes visuais e suas ramificações como meios de ensino alternativos que possam diversificar as formas que entendemos nossos sentidos e a maneira que eles podem ser explorados na arte-educação. A ideia de trabalhar com sinestesia veio do contato com o tema por intermédio de vídeos informativos do neurologista Richard Cytowic. Nesses vídeos, Cytowic apresenta o fenômeno da sinestesia de uma maneira muito divertida e simples, sem que sejam deixadas de lado a profundidade e importância do tema. Os vídeos são capazes de atrair todos os tipos de espectadores e mostram as interações curiosas que a sinestesia tem a partir da apresentação de seus portadores. Além disso, frisa-se que essa condição não é uma doença e que nós, não sinestetas, também conseguimos nos relacionar e entender as ideias que os sinestetas transmitem. Ao juntar meus conhecimentos adquiridos em sinestesia e os estudos feitos na universidade de artes visuais sobre arte-educação, elaborei este estudo sobre criatividade, imaginação, artes e sinestesia para criar uma oficina de educação sinestésica para crianças da Educação Infantil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O que é sinestesia?

De acordo com Richard Cytowic (2018), o mundo é um só para todos nós, no entanto, cada um reconhece seus estímulos de formas completamente diferentes, aplicando seus próprios filtros culturais, socioeconômicos e emocionais, formando assim uma imagem distinta para cada indivíduo. Diversas noções da realidade podem ser bastante parecidas, mas é impossível que existam duas que sejam idênticas. Todos veem o mundo de forma distinta, mas existem alguns de nós que veem o mundo de uma forma ainda mais única: “apenas 4% de nós têm essa habilidade, e estes são os sinestetas” (CYTOWIC, 2018). São pessoas que misturam seus sentidos de uma forma extraordinária, formando associações e conceitos que só eles mesmos podem entender, mas que estão longe de serem irrealis.

Essas pessoas carregam em si uma condição genética rara que permite experimentar o fenômeno da sinestesia, que é a junção de dois ou mais estímulos sensoriais de forma natural. Tal conexão de sentidos é inata e as associações entre cores, palavras, sons e formas que podem ser observadas são feitas a partir da infância e perduram pela vida inteira do sujeito.

Existem diversos tipos de sinestesia e, se levarmos em conta nossos cinco sentidos básicos – visão, audição, paladar, tato e olfato –, existem, pelo menos, vinte formas diferentes de parear os sentidos. Um sinesteta que possui, por exemplo, uma audição colorida, ou seja, ao escutar certos tons ou notas específicas consegue enxergar cores diferentes para cada uma delas, geralmente não consegue ter a mesma experiência na orientação oposta. Portanto, para esse indivíduo, caso o ato de escutar a nota Dó faça com que ele veja um rosa vibrante, se essa pessoa for exposta somente à cor ela não escutará um Dó. Assim, temos que o fenômeno da sinestesia se manifesta, na grande maioria dos casos, de maneira unilateral, só ocorrendo, portanto, em uma direção (CYTOWIC, 1993). Em que pese isso, já foram constatadas ocorrências de sinestésias bidirecionais, mesmo que raras:

Entretanto, ocorreram alguns poucos casos de sinestesia “bidirecional”, nos quais, por exemplo, a música induz cores (sinestéticas) e ver cores induz sons (sinestéticos) – as correspondências, no entanto, não são as mesmas em ambas direções! (DAY, 2001, tradução nossa)¹.

Mediante um estudo realizado por Cytowic (2002), em um grupo de 365 (trezentas e sessenta e cinco) pessoas, foi possível identificar e diferenciar vinte e sete tipos distintos de sinestesia.

As formas que a sinestesia pode ajudar um sinesteta são inúmeras. Para eles, isto é algo natural. Tanto é assim, que há relatos de que diversos sinestetas somente se deram conta acerca de sua condição mediante comparação com outras pessoas que não a possuem. Na maioria das vezes, quando em situações normais de vivência ou quando são introduzidos à materiais que dissertam sobre a unicidade da forma que enxergam o mundo. Até esses momentos de percepção ocorrerem, eles geralmente creem que todos funcionam assim, ou seja, que todos nós podemos ver cores vibrantes ao escutar certos sons ou que algumas palavras têm gostos diferentes de outras, por exemplo.

¹ However, there have been a few rare cases of «bi-directional» synaesthesia, in which, for example, music induces (synaesthetic) colors and seeing colors induces (synaesthetic) sounds - the correspondences, however, are not the same in both directions!

De acordo com Cytowic (2018) antigamente médicos e especialistas da área neurológica associavam a sinestesia à distúrbios mentais, ao uso de drogas alucinógenas ou à acidentes que poderiam causar dano grave ao cérebro da vítima. No caso sinestésico em que diferentes letras e números possuem cores e até mesmo personalidades, os neurologistas ligavam as associações de cores e letras à estímulos na época da alfabetização, onde em certos livros ou brinquedos haviam letras e números coloridos, criando assim os pareamentos que os sinestetas tinham para si.

Após o reconhecimento de que a sinestesia era algo real e não um distúrbio neurológico foram criados diversos testes para avaliar se uma pessoa é ou não um sinesteta. O mais utilizado dentre esses testes é o teste da constância. Para quem possui essa condição, há correspondências específicas entre um estímulo e a sua manifestação. Portanto, pede-se para que a pessoa responda, aleatoriamente, a cor que se associa a determinadas letras ou números. Após alguns meses o questionário é realizado novamente. Os sinestetas repetem entre 95% e 100% (noventa e cinco por cento e cem por cento) das respostas dadas anteriormente, enquanto o restante das pessoas responde cerca de somente 50% (cinquenta por cento) das respostas de maneira idêntica à que haviam dado anteriormente (DAY, 2001).

De acordo com Cytowic (2018), foi criado um experimento para testar se os sinestetas realmente veem cores ao serem confrontados com diferentes números. O teste consiste na apresentação de uma imagem com algarismos imprimidos em preto (painel 1 e painel 2).

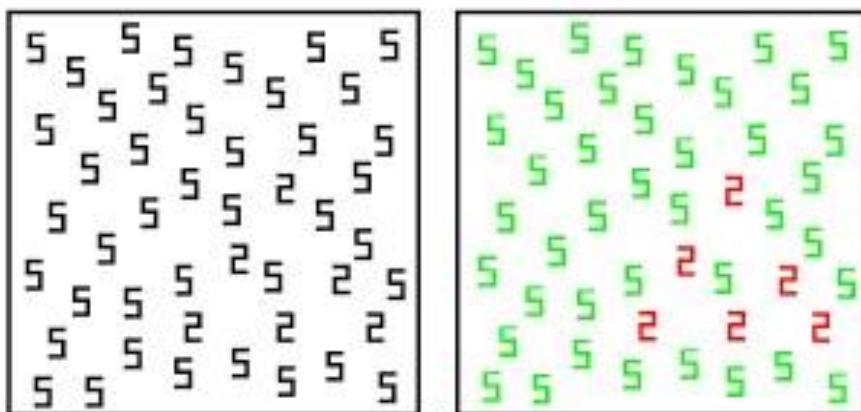


Figura nº1: Painel 1 e Painel 2²

² Imagem disponível em : <https://www.science.org/content/article/what-color-are-your-2s>

A partir disso, é pedido ao sujeito do teste que olhe a imagem e diga imediatamente se consegue ver alguma forma geométrica. Um sinesteta que possui a habilidade de ver cores em determinados números consegue ver com clareza um triângulo na imagem, isso porque ao atribuir diferentes cores à diferentes números se destacará um triângulo formado pelos números 2 (dois), em meio aos diversos números 5 (cinco) dispostos no quadro. Como cada número para um sinesteta tem sua cor particular, o grupo constituído pelos números 2 (dois) se sobressai ao resto, formando um triângulo de cor diferente do demais numerais, como expresso na segunda imagem (figura 2).

A partir de estudos é seguro afirmar que sinestesia é uma condição genética que atinge cerca de 4% (quatro por cento) da população mundial (Cytowic, 2018), portanto pode ser passada de gerações a gerações como qualquer outra característica genética, como cores de olhos, cabelos e tom de pele. No entanto, o fato da sinestesia afetar diferentes pessoas da mesma família de formas distintas sugere que a mesma não é causada por um mecanismo genético simples, ou seja, é necessário influências externas do meio ambiente para que tais condições aflorem.

O neurologista Cytowic (1993), a partir de experiências conduzidas com um sinesteta que associava gostos com o tato, descobriu que a atividade cerebral do paciente ao ser exposta a tais estímulos indicava um forte fluxo sanguíneo no córtex cerebral, área do cérebro onde se processam as sensações e os pensamentos abstratos, portanto, tal fluxo excessivo nessa área indicava que os fenômenos sinestésicos tinham sua base no sistema límbico (localizado logo abaixo do córtex cerebral mencionado anteriormente), uma das áreas mais primitivas do cérebro, que controla emoções e junta fragmentos de memórias para assim formar uma memória completa e concisa.

Desta forma, o estudioso pode concluir que os cérebros dos sinestetas não se diferenciavam dos de outros sujeitos, no que se refere à sua estrutura, mas sim no que concerne à sua forma de priorizar os dados, pois, uma vez apresentados a um estímulo, ao contrário de este estímulo ser conduzido a uma só área de atividade cerebral, era distribuído à diferentes áreas simultaneamente, formando assim os pareamentos sensoriais dos sinestetas.

Mas já que os sinestetas interpretam estímulos de uma forma completamente distinta dos demais seres humanos, como se explica que o resto da humanidade consiga entender e

associar certas ligações sensoriais? Como, por exemplo, a associação que existe entre cores e outros sentidos - cores quentes e frias -, ou também o fato de que sons agudos são mais pareados às cores de tonalidades quentes como amarelo, laranja e vermelho, da mesma forma que os sons graves são mais associados às cores frias como azul e roxo. Assim como conseguimos entender metáforas como um olhar frio, uma voz áspera, cor berrante e um gosto macio. Todos são exemplos de que nós humanos somos naturalmente sinestésicos, nossos sentidos se intercalam e se entendem de uma forma natural, mas, à medida que envelhecemos, as ligações entre áreas do cérebro começam a se distanciar formando áreas isoladas que passam a atuar por si mesmas (Cytowic, 2018).

2.2. Sinestesia e arte.

Portanto, a sinestesia não é uma temática que está fora do alcance de todos nós. É, na verdade, um assunto bastante palpável mas muito pouco desenvolvido em nossa sociedade. A área que mais consegue explorar essa ideia é a área das artes, nela conseguimos expressar de diferentes formas os nossos sentimentos e também experimentar com nossos sentidos. Com uma obra de arte o autor consegue não só explorar diversos de seus sentidos e sentimentos, como estimular as sensações e sentimentos do observador.

É necessário, no entanto, diferenciar o artista que realmente é sinestésico, ou seja, que tem alguma das relações sinestésicas entre seus sentidos e o artista que se utiliza do conceito da sinestesia para passar uma ideia em suas obras. Portanto, o artista que é sinestésico geralmente tenta passar o seu ponto de vista, o seu sentir acerca do mundo para a sua obra, usando de sua sinestesia como um meio termo entre si e a obra de arte. Já o artista que usa do conceito de sinestesia, em geral, usa sua obra de uma forma que uma junção de sentidos seja passada ao observador, há uma intenção subjacente, a tentativa de provocar o maior número possível de sensações aos observadores (LAYDEN, 2004).

Existem diversos artistas que exploraram a sinestesia em suas obras com o intuito de trazer diversas sensações aos outros de uma só vez. Compositores como Aleksandr Scriabin e Oliver Messien usavam de sua condição sinestésica para produzir suas obras, ambos possuíam a chamada audição colorida, ou seja, associavam a certos sons diferentes tonalidades de cores dando às suas composições uma nova camada de complexidade, já que, para eles, suas músicas

não representavam apenas um conjunto de notas, mas sim também um aglomerado de formas e cores diferentes.

Já na área das artes visuais, Wassily Kandinsky é um exemplo de artista acerca do qual há dúvidas. Especula-se sobre o tipo de sinestesia que possuía: se ele era realmente sinestésico ou se possuía um caso de pseudo-sinestesia, uma sinestesia adquirida por intermédio de treinos ou pelo cotidiano cultural em que se inseria. Diversos autores e estudiosos creem que sua sinestesia foi desenvolvida, ou seja, uma sinestesia não inata, um raro caso de sinestesia (CYTOWIC, 1993).

Seus relatos e obras artísticas consistindo de inúmeros quadros, que de acordo com Kandinsky tinham o intuito de evocarem sons naqueles que os observam, assim como seu livro “Do Espiritual na Arte”, que possui diversos trechos onde sua sinestesia (que relaciona som a cores) é explorada, como por exemplo “o vermelho cinábrio pode ser comparado à tuba; por vezes parece escutar-se o rufo ensurdecido do tambor” (KANDINSKY, 1998), dão a entender que sua sinestesia é, na verdade, inata e não desenvolvida como Cytowic imaginava.

Infelizmente, na época não existiam testes nem o conhecimento médico necessário para acuradamente definir se Kandinsky era sinestésico ou não, mas que o artista tinha conhecimento sobre a ideia da sinestesia é irrefutável.

Suas obras eram feitas para que conseguissem estimular o máximo de sentidos de uma só vez, fazendo com que o observador tivesse uma espécie de experiência sinestésica ao vivenciar sua arte, a chamada “Gesamtkunstwerk”, um trabalho artístico total, que bombardeia o observador com inúmeras sensações e sentimentos (CYTOWIC, 1993).



Figura nº2: Wassily Kandinsky, Mit und Gegen, 1929³

Como evidenciado anteriormente Kandinsky procurava através de sua arte induzir uma espécie de sinestesia em seus observadores. No entanto, como seria a arte de um artista sinesteta que procura expressar sua condição através da arte? Este é o caso da pintora norte americana Carol Steen que possui três tipos distintos de sinestesia, ela consegue enxergar diversas cores e formas ao escutar músicas (audição colorida), diferentes letras e numerais possuem cores únicas (sinestesia grafema-cor) e ao sentir dores ou em sessões de acupuntura Steen experimenta diferentes cores (sinestesia toque-cor). Com a ajuda de todas suas diferentes formas de sinestesia Carol Steen cria suas obras, usando suas experiências sinestésicas como meios para produzir diversas pinturas.

Suas pinturas contam inúmeras histórias, sejam seções de acupuntura, bandas de blues que ela escuta ao passar pelas ruas de Manhattan, arranjos musicais de uma música que ela goste ou até sobre sua experiência com a vacinação contra a gripe. Todos esses quadros de Carol são feitos a partir de suas experiências sinestésicas e mesmo para os não sinestetas, como nós, é possível sentir levemente sua inspiração e seus motivos em cada obra. É certo que nós não podemos entender o porquê de certos tons terem diferentes cores associadas à eles, mas a

³ Imagem disponível em: <https://www.wassily-kandinsky.org/Mit-und-Gegen.jsp#prettyPhoto>

expressividade de Carol consegue fazer com que o observador se familiarize com os sentimentos ali expressos caso lhe sejam apresentados os contextos de cada obra.

Carol em 2004, ao escutar a música “Show Me” de Megastore, pinta sua obra “Red Comma on Blue”, a qual representa em vermelho as batidas e as tonalidades azuis que a voz na música apresenta, que de acordo com a artista é uma voz de alta transparência com movimentos rotativos e rápidos.

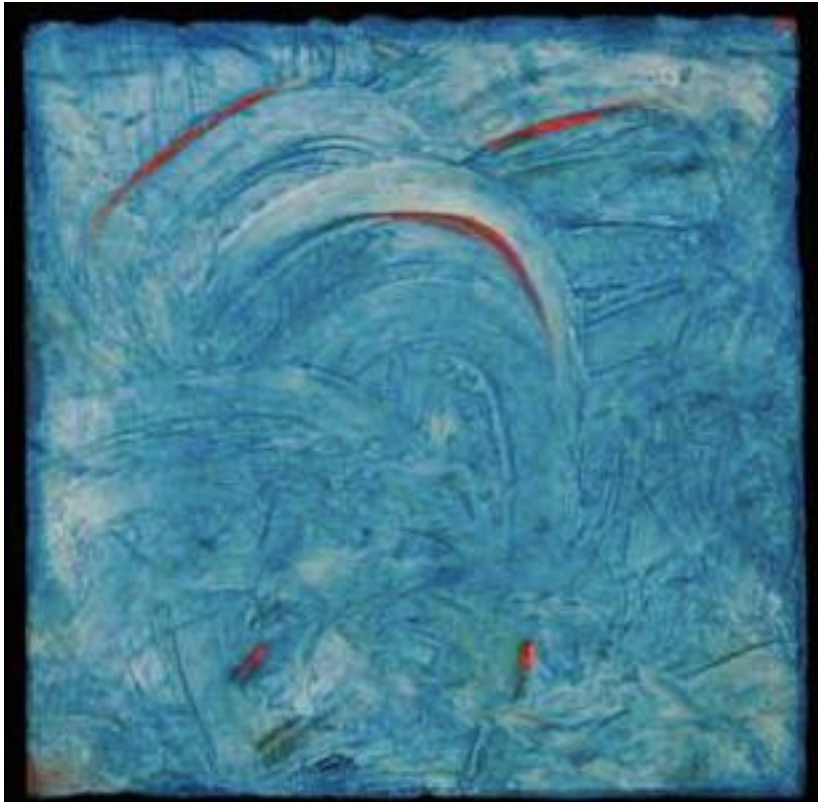


Figura nº3: Carol Steen, Red Comma on Blue, 2004, óleo sobre papel⁴.

Em 1996, durante uma sessão de acupuntura, Steen fecha seus olhos em busca de uma de suas visões mágicas formadas pela sinestesia. De repente, uma forma avermelhada que é visualizada, a princípio, como um simples ponto, começa a crescer e afastar a escuridão dos olhos fechados para longe, nela se formam também alguns traços esverdeados que complementam a forma vermelha e a escuridão que se dissipa. Ao chegar em casa ela pinta a obra “Vision” que ela diz ser exatamente como ela viu em sua sessão de acupuntura.

⁴ Imagem retirada do site <https://synaesthesianna.wordpress.com/2009/10/14/carol-steen-painter-of-sounds/>

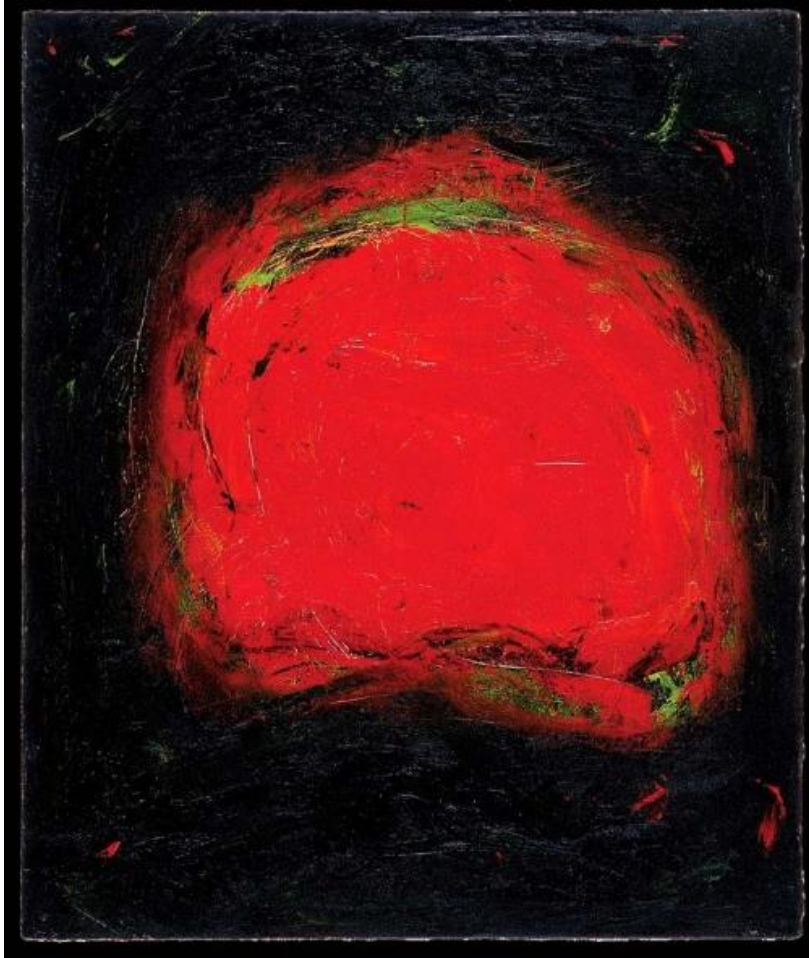


Figura nº4: Carol Steen, Vision, 1996, óleo sobre papel.⁵

Ao receber a dose da vacina contra gripe em 2005, Carol, visualizou com sua sinestesia toque-cor algo parecido com sua obra “Blue Streak”.

⁵ Imagem retirada do site <https://synaesthesianna.wordpress.com/2009/10/14/carol-steen-painter-of-sounds/>

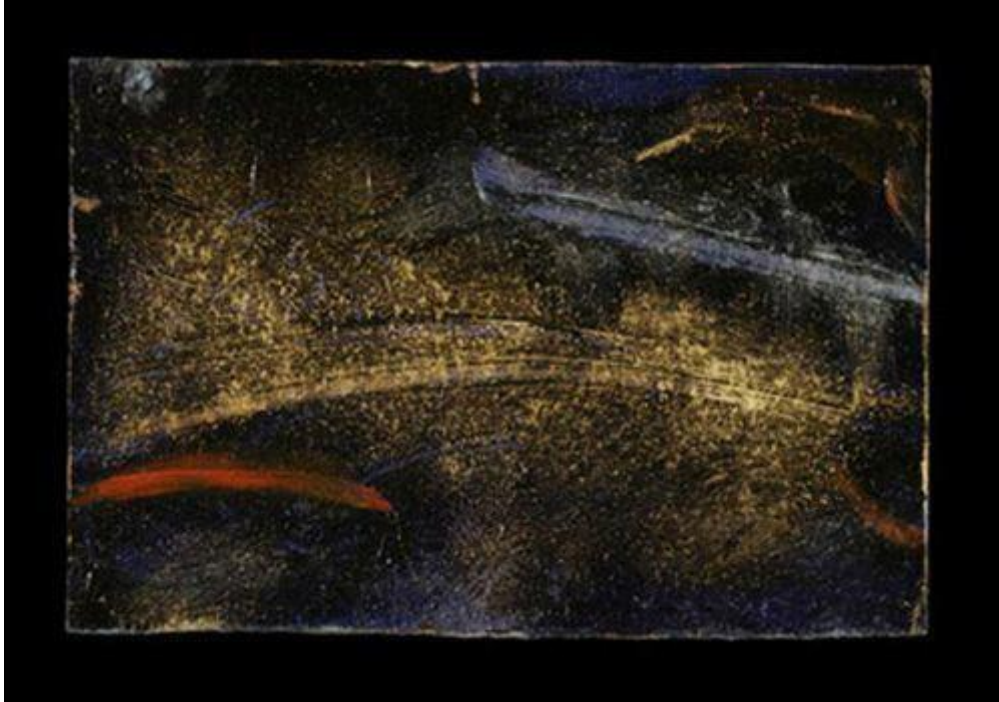


Figura nº5: Carol Steen, Blue Streak, 2005, óleo sobre papel.⁶

Todas as obras de Steen passam por um filtro que é sua sinestesia, onde diversos estímulos são transformados em cores e, logo após, são passados para o papel em forma de obras de arte extremamente expressivas. Uma forma de criatividade distinta e única, mas que permite que seus conceitos possam ser explorados por qualquer um, mesmo que não-sinesteta.

2.3. Sinestesia e criatividade.

Como destacamos na seção anterior, o conceito de sinestesia está intimamente relacionado à constatação da existência de pessoas que possuem uma condição neurológica muito distinta daquela da grande maioria dos demais sujeitos. Aqueles possuidores dessa condição são capazes de experimentar duas ou mais sensações a partir de um único estímulo sensorial. Trata-se, muito provavelmente, de fenômeno de origem biológica, conforme explicitado anteriormente. Interessante frisar que a experiência sinestésica natural é vivida na primeira pessoa, ou seja, é um evento ligado a um sujeito específico, dotado de determinadas condições psíquicas e cognitivas, e, assim sendo, é impossível de ser visualizada ou sentida por outros indivíduos da mesma forma.

⁶ Imagem retirada do site <https://synaesthesianna.wordpress.com/2009/10/14/carol-steen-painter-of-sounds/>

Há, no entanto, muitos artistas que procuram, por intermédio das artes visuais, propiciar ao público em geral um vislumbre do que seja a experiência sinestésica. A partir dessa constatação, e do sucesso de experiências do gênero, pode-se utilizar o conceito de sinestesia também em âmbito escolar e na tentativa de colaborar para o desenvolvimento da criatividade de crianças que frequentam a Educação Infantil.

Isso porque, faz-se necessário utilizar-se de todas as ferramentas que se encontram ao dispor dos educadores para que se fomente a criatividade infantil. Por esse prisma, o conceito de sinestesia pode e deve ser elemento na construção e formação da criança que desenvolve e usa sua criatividade. De acordo com Ostrower (2003):

Nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver, para a criança. (OSTROWER, 2003, p. 127).

É a criatividade que vai propiciar que, de uma criança que age no mundo de maneira a descobrir-se e crescer advenha um adulto saudável, criativo e capaz de um agir consistente no mundo de maneira a modificá-lo, se assim o desejar.

A criatividade infantil é uma semente que contém em si tudo o que o adulto vai realizar. Interessam-nos as comparações com o mundo infantil para podermos enfocar mais claramente o início do processo criativo e também o seu desenvolvimento sob determinadas circunstâncias culturais, mas, enquanto fenômeno expressivo, a criação tem implicações diferentes para a criança e para o adulto. Nas crianças, o criar - que está em todo o seu viver e agir - é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma. Ainda que ela afete o ambiente, ela nunca o faz intencionalmente; pois tudo o que a criança faz, o faz com a necessidade de seu próprio crescimento, da busca de ela se realizar. (OSTROWER, 2003, p. 130).

A esse respeito, Vygostky (1997) partilha da mesma posição ao defender que os processos criadores já são observados, com todo o vigor, na mais tenra idade nas crianças. O autor destaca que entre as questões mais importantes para a psicologia e pedagogia infantis está a de como desenvolver a capacidade criadora em razão de sua importância para o desenvolvimento geral e maturidade da criança.

O autor sustenta que o nosso cérebro não se destina somente a conservar ou reproduzir nossas experiências passadas, além disso:

O cérebro [...] é também um órgão combinador, criador, capaz de reelaborar e criar com elementos de experiências passadas novas normas e posições. Se a atividade do homem se reduzisse a repetir o passado, o homem seria um ser voltado exclusivamente para o fazer e incapaz de se adaptar ao amanhã diferente. É precisamente a atividade criadora do homem a que faz dele um ser projetado para o

futuro, um ser que contribui para criar e que modifica seu presente. (VYGOTSKY, 1997, p. 9, tradução nossa) ⁷

A utilização do conceito de sinestesia como elemento integrante voltado ao desenvolvimento da criatividade das crianças que frequentam a Educação Infantil encontra respaldo na posição defendida por Vygotsky (1997), para quem toda e qualquer atividade não se limite a reproduzir feitos ou impressões vividas, mas que crie novas imagens, novas ações, pertence à função criadora ou combinadora e, por conseguinte, contribui para o desenvolvimento da capacidade criadora das crianças.

Educar para que seja alcançado o desenvolvimento da criatividade implica na inclusão de brincadeiras, atividades e rotinas nos planejamentos de aulas de forma que a criança se sinta à vontade para expressar-se de maneira mais livre. O significado de expressar-se livremente é tal que a criança se sinta acolhida de forma a desenvolver suas capacidades e que seja orientada na busca e fixação do conhecimento pretendido. Assim, realizar-se-á o processo de desenvolvimento da autonomia, o amadurecimento e o crescimento individuais. Cabe aos educadores proporcionar à criança uma oportunidade para a expressão e a criação, o direito à palavra, à escrita e à manifestação musical e corporal. (BARBOSA, 2006).

Os alunos, ao serem expostos a diferentes tipos de estímulos, passam a desenvolver e treinar suas sensações e sua criatividade com as atividades de cunho educativo e expressivo, que serão propostas com a sinestesia como um meio. É de extremo valor que seus sentidos e imaginação sejam estimulados de forma lúdica, com o uso de diferentes músicas, cores e materiais. Essa criatividade pode ser explorada de uma maneira leve e tal que o aluno consiga também expressar suas individualidades no âmbito das artes.

Essa pretensão encontra firme amparo quando se avança na pesquisa da faixa etária escolhida para o desenvolvimento dos trabalhos pretendidos. Ressalta-se que a escolha da faixa etária para o desenvolvimento das oficinas de sinestesia leva em conta a organização do sistema educacional brasileiro, que entende que a Educação Infantil vai até os cinco anos e onze meses, uma vez que a partir dos seis anos já começa o Ensino Fundamental. As crianças da Educação

⁷ El cerebro [...] es también un órgano combinador, creador, capaz de reelaborar y crear con elementos de experiencias pasadas nuevas normas y planteamientos. Si la actividad del hombre se redujera a repetir el pasado, el hombre sería un ser vuelto exclusivamente hacia el ayer e incapaz de adaptarse al mañana diferente. Es precisamente la actividad creadora del hombre la que hace de él un ser proyectado hacia el futuro, un ser que contribuye a crear y que modifica su presente.

Infantil, na faixa etária dos quatro aos cinco anos e onze meses, estariam naturalmente propensas a movimentos sinestésicos em seu afã por descobrir e traduzir o mundo. A escolha dessa faixa etária traduz uma avaliação a partir de quando seria possível aplicar as oficinas, não sendo, portanto, exaustiva e excludente de idades superiores.

De acordo com Gardner (1999), as crianças a partir dos cinco anos já estariam se movimentando de uma forma de arte para outra, traduzindo sua percepção do ambiente de um sistema sensorial para outro:

Entre os 5 e 7 anos, a maioria das crianças na nossa sociedade atinge notável expressividade em seus desenhos. (...) Sente-se que a criança está falando diretamente através dos desenhos (...).

Há também nessa idade, talvez pela primeira vez - e às vezes pela última - um intercâmbio natural fácil entre vários meios. A criança canta enquanto desenha, dança enquanto canta, conta histórias enquanto brinca na banheira ou no quintal. Em vez de permitir que cada forma de arte progrida em isolamento relativo das outras, as crianças movem-se prontamente e até mesmo avidamente de uma forma para a outra, combinam as formas e comparam-nas. De fato, uma idade de cinestesia começa: um momento em que, mais do que qualquer outro, a criança efetua traduções fáceis entre sistemas sensoriais; em que cores podem prontamente provocar sons e sons podem prontamente evocar cores; em que movimentos de mão sugerem linhas de poesia, ou linhas de verão estimulam uma dança ou uma canção. (GARDNER, 1999, p. 117, grifo nosso).

2.4. Educação Infantil e sinestesia – aplicabilidade.

Como se destacou em momento anterior neste trabalho, a partir do sucesso de obras de artistas plásticos que lograram passar para os espectadores o que seja a experiência sinestésica, pensou-se em utilizar o conceito de sinestesia também em âmbito escolar, na tentativa de colaborar para o desenvolvimento da criatividade de crianças que frequentam a Educação Infantil. Note-se que as oficinas foram pensadas como exercícios voltados ao desenvolvimento da percepção sensorial e criatividade, abertas, portanto, a todas as crianças na faixa etária indicada, e não somente a crianças que possam ser portadoras da condição sinestésica.

Para a elaboração do projeto de oficinas de sinestesia estudou-se não só a legislação que fixa as diretrizes e bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996), como procurou-se estudar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deve oferecer os parâmetros para os

currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, e também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o território nacional (art. 26). Por essa razão, a BNCC é instrumento imprescindível à formulação de qualquer proposta pedagógica.

A escolha da faixa etária para o desenvolvimento das oficinas de sinestesia levou em conta os estágios de desenvolvimento das crianças e, ademais, a organização do sistema educacional brasileiro, que entende que a Educação Infantil vai até os cinco anos e onze meses. Por essa razão, fala-se em um projeto de oficinas para crianças até essa faixa etária, pois a partir dos seis anos dá-se início ao Ensino Fundamental. A escolha dessa faixa etária traduz uma avaliação a partir de quando seria possível aplicar com sucesso as oficinas, não sendo, portanto, um indicativo que impede a aplicação desse estudo ou adaptação do mesmo para outras faixas etárias superiores. Trata-se de um limite inferior. O escopo deste trabalho pretendeu, portanto, elaborar oficinas sinestésicas para um determinado público alvo, a BNCC ofereceu os elementos que permitiram precisar a faixa etária a partir da qual o trabalho pudesse ser realizado com sucesso.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo de etapas e modalidades da Educação Básica de maneira a terem assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE).

De acordo com esse importante documento, as aprendizagens a ser alcançadas por nossas crianças devem ser perseguidas de acordo com uma intencionalidade educativa:

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. [...] Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (Base Nacional Comum Curricular – Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>).

Cabe ao educador pensar, organizar, selecionar e planejar atividades, práticas e

interações que garantam diversas situações que busquem implementar o desenvolvimento pleno das crianças. Sendo assim, mediante um estudo mais detalhado da BNCC, chegou-se à conclusão de que o conceito de sinestesia poderia ser bastante compatível com os objetivos pretendidos para as crianças da Educação Infantil, conforme exposto nos parágrafos seguintes.

De acordo com a BNCC, a Educação Infantil está estruturada em cinco campos de experiências, os quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Da leitura desse documento, temos que os campos de experiências são os que se seguem: 1. O eu, o outro, e o nós; 2. Corpo gestos e movimentos; 3. Traços, sons, cores e formas; 4. Escutas, fala, pensamento e imaginação; e 5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Dentre esses, é possível perceber que o relativo ao desenvolvimento dos traços, sons, cores e formas seria o adequado à utilização da sinestesia para promover o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, pois nesse campo se pretende:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas. (Base Nacional Comum Curricular – Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>).

Ainda de acordo com a BNCC, o público alvo para o desenvolvimento dessas capacidades seriam as crianças de 4 anos a 5 anos e onze meses, mediante o que dispõe os objetivos de aprendizagem **(EI03TS02)** “expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais” e **(EI03TS03)** “reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.”

Em assim sendo, pretendeu-se formular as oficinas sinestésicas em conformidade com os objetivos listados acima, de maneira a poder delimitar o escopo do trabalho e desta maneira poder precisar e melhor avaliar os resultados por ventura alcançados.

3. METODOLOGIA

A Oficina Sinestésica foi pensada para desenvolver a sensibilidade por intermédio de atividades que estimulem a consciência da percepção sensorial e que trabalhem a associação entre estímulos sensoriais a partir da expressão artística que envolva a mútua cooperação entre linguagens provenientes dos campos visual, sonoro, tátil, olfativo, etc. Portanto, a oficina está centrada em dois eixos de trabalho: os estímulos sensoriais e a expressão desses estímulos em uma abordagem de transposição entre linguagens. Por exemplo, em um primeiro momento, são apresentados estímulos sonoros e, em um segundo momento, pede-se às crianças que representem esses estímulos sonoros em outra linguagem como a visual, a tátil ou a olfativa. Essa proposta de trabalhar com atividades sensoriais e a expressão dessas sensações foi pensada dentro de uma abordagem lúdica e vivencial. Como subsídio teórico para fundamentar a proposta pedagógica, além do estudo das obras dos autores que escreveram sobre sinestesia, tanto da área da psicologia como da neurologia, foram utilizados os trabalhos de autores da educação infantil como Maria Montessori, Jean Piaget e da arte educação como Ana Mae Barbosa e Fayga Ostrower.

3.1. Público-Alvo

A oficina foi planejada para crianças da Educação Infantil a fim de desenvolver a consciência sinestésica como um fator de desenvolvimento nessa fase escolar inicial. Nessa etapa do desenvolvimento a criança está na fase pré-operacional (Piaget, 1969), na qual ela lida, justamente, com a descoberta do mundo, a partir de suas experiências com as percepções e sensações mais básicas, que a ajudarão a construir uma riqueza de referências que subsidiarão seus avanços futuros no desenvolvimento infantil e adulto.

A possibilidade de representação assinala o começo do estágio seguinte (inteligência representativa pré-operatória) quando uma série de condutas diversas indicam a possibilidade de substituir, no pensamento, um objeto por uma representação simbólica. É essa possibilidade que permite a aquisição da linguagem, o jogo simbólico e a reprodução de condutas por imitação quando o modelo copiado está ausente. Graças à representação, o que antes eram somente ações ou acontecimentos sucessivos, cada um deles momentâneo, pode ser evocado em um todo quase simultâneo. [...] Nessa etapa, a criança é capaz de fazer certas inferências elementares,

de dar uma primeira forma de organização ao espaço, de começar a estabelecer as condições de uma classificação lógica, de aprender certas relações causais, etc. (FERREIRO, 2001, p. 120).

Já no que se refere ao aspecto físico, essas crianças têm um desenvolvimento muscular bastante acentuado, apresentam grande atividade motora e um controle dos movimentos bem mais elaborado. A parte disso, nessa mesma época, as atividades psíquicas e sensoriais estão em formação. Crianças nessa fase necessitam de atividades sensoriais para poderem aprender com mais criatividade e consistência. É, então, que a criança, segundo Montessori (1965, p. 99), “desenvolve seus sentidos: sua atenção, em decorrência, vê-se atraída para a observação do ambiente”. Ainda, de acordo com Montessori (1965, p. 99), essa seria a época ideal para que fossem dosados “metodicamente os estímulos sensoriais, a fim de que as sensações se desenvolvam racionalmente; prepara-se, assim, a base sobre a qual construir-se-á uma mentalidade positiva”.

Quanto ao seu desenvolvimento intelectual/cognitivo, as crianças de quatro a cinco anos e onze meses, já adquiriram mais vocabulário e apresentam um maior interesse pela linguagem, sendo capazes de compreender ordens mais complexas e/ou elaboradas e de formular frases mais bem estruturadas (GARDNER, 1999). Além disso, são capazes de compreender a diferença entre a realidade e a fantasia, conceitos de números e espaços e que desenhos podem representar objetos reais.

A escolha dessa faixa etária para a confecção da Oficina Sinestésica encontra respaldo nas palavras de Gardner (1999), isso porque as crianças desse intervalo etário já experimentam conhecer o mundo e traduzi-lo a partir de símbolos por elas escolhidos:

Uma revolução no conhecimento, crucial para a competência artística, marca os anos após a primeira infância. No período entre 2 e 7 anos de idade a criança passa a conhecer e começa a dominar diversos símbolos em sua cultura. Dessa forma, além de conhecer o mundo diretamente, ela pode captar e comunicar seu conhecimento das coisas e das pessoas através de inúmeras formas simbólicas, mais notavelmente as linguísticas. Neste período, praticamente todas as crianças dominam prontamente a linguagem (ou as linguagens) dos seus arredores. [...] Entretanto, tal linguagem não é de modo algum a única rota (e, em muitos casos, sequer a mais importante) para extrair-se sentido do mundo. As crianças aprendem a usar símbolos variando desde gestos das mãos ou movimentos do corpo inteiro até desenhos, figuras de argila, números, música e similares. E, aos 5 ou 6 anos, às crianças podem não apenas entender esses vários símbolos, mas podem frequentemente combiná-los nas formas que os adultos consideraram tão notáveis. (GARDNER, 1999, p. 83).

Os estudiosos Montessori (1965), Piaget (1969) e Gardner (1999), embora se utilizem de nomenclaturas diferentes para nomear a mesma fase da infância, partilham da mesma

certeza: a de que as crianças nessa fase de vida estão não só aptas para o desenvolvimento de atividades voltadas ao estímulo de sua criatividade, como necessitam de atividades que envolvam seus sentidos para poderem aprender com mais criatividade e consistência. Em razão disso, e a partir dos parâmetros ditados pela BNCC e a organização do Sistema Educacional Brasileiro, foi escolhido como público alvo as crianças do terceiro e último grupo da Educação Infantil – dos quatro aos cinco anos e onze meses.

3.2. Planejamento da Oficina

A oficina terá 4 (quatro) encontros de 50 (cinquenta) minutos cada, nos quais serão trabalhadas atividades lúdicas, vivenciais, expressivas e de representação de percepções sensoriais em diversas linguagens, de maneira a criar a oportunidade de as crianças efetuarem a transposição espontânea das associações que elas são capazes de perceber e criar.

As atividades de cada encontro terão sempre o mesmo formato. Primeiramente será apresentada uma atividade de sensação e depois será proposta uma atividade que terá por objetivo fomentar a associação dessa primeira sensação com uma de outro campo sensorial. Dessa forma, associa-se uma experiência que a criança vive com uma que ela imagina ou se recorda.

A oficina sinestésica tem como premissa a disponibilidade de encontros presenciais, já que busca expandir e exercitar os sentidos, a imaginação e a criatividade das crianças envolvidas de uma forma lúdica. Cada encontro será feito de modo que possa ser relacionado à um tipo diferente de sinestesia já existente, podendo também englobar em um só encontro diferentes relações sinestésicas entre os sentidos abordados.

Ressalte-se que, muito embora, a oficina seja um instrumento, uma forma de construir conhecimento com ênfase na parte prática do processo, essa não prescinde da parte teórica. Em assim sendo, formula-se, a seguir, de maneira esquemática o formato a ser implementado em sala de aula. Note-se que trata-se de um projeto teórico, entretanto, não é estático, muito pelo contrário. Por essa razão, está sujeito e aberto a ajustes que muito provavelmente decorrerão de

sua futura implementação prática e contribuirão para que se torne melhor instrumento na consecução dos objetivos propostos.

3.2.1. Encontro 1:

Oficina sinestésica

Carga horária: 50 (cinquenta) minutos

Conteúdo: atividade lúdica sinestésica para educação infantil. O primeiro encontro é constituído a partir da condição sinestésica de audição-colorida. Visando trabalhar a relação entre estímulos sonoros e suas reações com respostas visuais.

Atividade: serão apresentadas às crianças diferentes tipos de músicas, cantigas e efeitos sonoros que possam engatilhar diversos tipos de memórias ou reações emocionais. Após a apresentação de cada som os alunos deverão expressar, por intermédio de traços, formas e diferentes cores as sensações as quais eles sentiram ao serem apresentados cada um dos diferentes estímulos sonoros. Com a disponibilização de diferentes tipos de materiais como giz de cera, lápis de colorir e tintas é possível relacionar os gatilhos sonoros à essas texturas e a plasticidade dos materiais apresentados. Será pedido que elas escolham cores que se parecem com os sons e desenhem ou pintem com essas cores que elas consideram melhor representar o som ouvido. Além de apenas usarem cores e estímulos visuais, poderá ser pedido que elas associem uma um sentido a mais: o tato, além da audição e da visão.

Objetivo: exercitar a coordenação motora, expressão visual dos alunos, desenvolver conceitos, estimular a criatividade a percepção sensorial.

Desenvolvimento: criação de obras autorais que mostram as ligações expressivas feitas pelos alunos ao serem apresentados aos diversos estímulos sonoros.

Recursos Didáticos: folhas de papel, lápis de cor, giz de cera, tintas de diferentes cores, caixa de som e o corpo.

Avaliação: autoavaliação e engajamento com as atividades. O que você achou dos sons exibidos? Como foi a participação do aluno nas atividades? Como você se sente após se expressar desta forma?

3.2.2. Encontro 2:

Oficina Sinestésica

Carga Horária: 50 (cinquenta) minutos

Conteúdo: atividade lúdica para a educação infantil. O segundo encontro tem por objetivo estimular a junção dos sentidos olfato, visão e tato. Visando explorar os três sentidos em consonância, onde estímulos olfativos, táteis e visuais possam se interligar formando uma obra de arte única de cada aluno no final da atividade.

Atividade: com ajuda de vendas nos olhos, as crianças serão expostas a diferentes tipos de pétalas de flores, folhas e ervas (sendo algumas secas e outras não) para sentir diferentes cheiros. Com cada material, o aluno deverá explorar as texturas e os aromas do seu objeto, tentando associar ambos os sentidos com uma representação visual em sua mente. Ao sentir algum aroma, será perguntado ao aluno que cor ele imagina para esse aroma. Após os alunos experimentarem a textura desses objetos, suas vendas serão retiradas e eles receberão materiais de desenho para que usem as pétalas, folhas e ervas de uma forma artística, associando seus cheiros e texturas com as cores e desenhos que irão produzir nas folhas de papel.

Objetivo: exercitar a coordenação motora; estimular a correlação entre diferentes sentidos; incitar a criatividade e percepção sensorial; desenvolver novos conceitos sobre a natureza e as artes; conhecer o mundo a sua volta em pequenas dosagens e; despertar a expressividade artística dos alunos.

Desenvolvimento: criação de desenhos autorais a partir da união de diferentes estímulos olfativos e táteis com objetos do dia a dia que geralmente passam despercebidos na sociedade atual, por conta da excessiva digitalização.

Recursos didáticos: ervas daninhas, pétalas de flores secas, pétalas de flores recém caídas, folhas de árvores secas, folhas de árvores recém caídas, pedaços de grama, folhas de papel, tesouras sem ponta, cola branca, lápis de cor, giz de cera e o corpo.

Avaliação: autoavaliação e engajamento com as atividades. Você conhece algum dos materiais que lhe foram apresentados? De quais cheiros e texturas você mais gostou? Que cores você imaginou para esses cheiros? Você gostou da obra que produziu? Os cheiros condiziam com as texturas das coisas que lhe foram apresentadas? Como se sentiu ao se expressar desta forma?

3.2.3. Encontro 3

Oficina Sinestésica

Carga Horária: 50 (cinquenta) minutos

Conteúdo: atividade lúdica para a educação infantil. O terceiro encontro se relaciona com as artes cênicas ao requerer do aluno a movimentação total de seu corpo. Com o uso de músicas e

cantigas como um gatilho. O intuito é gerar movimento nos alunos usando o espaço ao seu redor como uma área de expressão livre corporal.

Atividade: serão apresentados aos alunos diversas músicas, cantigas e batidas de forma que possam interpretar tais estímulos e utilizá-los como impulsos para suas expressões corporais de dança e performance. Com um repertório diversificado de músicas, será pedido para que o aluno faça um movimento ou dança que ele acha parecido com o som ou a música que ele acaba de ouvir. Os alunos poderão se expressar livremente com seus corpos para cada um dos estímulos musicais, trabalhando sua interpretação musical e suas emoções e representando os movimentos que eles consideram condizer com os sons. Eles também poderão explorar movimentos que representam cores na sua percepção.

Objetivo: exercitar a coordenação motora, sensibilizar os alunos sobre sentimentos e dança, soltar o corpo, ensinar sobre os limites de espaço, exercitar a criatividade e a expressão pessoal, e promover a percepção sensorial.

Desenvolvimento: utilização da dança e da expressão corporal como forma de reação a estímulos auditivos, buscando uma correlação entre corpo, sentimento e a música. Da mesma forma, os alunos trabalharão sua expressividade individual, o que os auxiliará a vencer futuras barreiras que advém dos paradigmas sociais.

Recursos Didáticos: caixas de som, espaço aberto e grande o suficiente para locomoção de todos envolvidos, corpo, músicas com diferentes emoções.

Avaliação: autoavaliação e engajamento com a atividade. Que tipo de emoção esta música te passa? Que tipo de movimento se parece com essa música? Qual sentimento você quis passar em sua dança? Por que? Como se sente após se soltar com a dança? Seu movimento se parece com uma cor? Qual é ela? Como você se sente após se expressar desta forma?

3.2.4. Encontro 4

Oficina sinestésica

Carga horária: 50 (cinquenta) minutos

Conteúdo: atividade lúdica sinestésica para educação infantil. O quarto encontro é construído a partir da condição sinestésica de audição-sensação táctil. Visa trabalhar a relação entre estímulos sonoros e suas reações com respostas tácteis.

Atividade: poderão ser apresentadas às crianças diferentes tipos de músicas e cantigas, ou poderão ser lidas estórias infantis que tragam mensagens compatíveis com a faixa etária das crianças. Após a apresentação das músicas ou das estórias, os alunos deverão expressar, por

intermédio da manipulação de materiais flexíveis, tais como massinha de modelar ou argila, as formas, personagens, sentimentos e/ou sensações que foram percebidas ao serem apresentados à narrativa escolhida (músicas ou estórias). Com a disponibilização desses diferentes tipos de materiais, os alunos poderão escolher com o que trabalhar, a partir das diferentes sensações propiciadas ao tocá-los.

Objetivo: exercitar a coordenação motora, expressão visual dos alunos, desenvolver conceitos, estimular a criatividade, percepção sensorial.

Desenvolvimento: criação de obras autorais que mostram as ligações expressivas feitas pelos alunos ao serem apresentados à narrativa escolhida (músicas ou estórias).

Recursos Didáticos: músicas infantis (como as contidas na Arca de Noé de Vinícius de Moraes), estórias infantis, caixa de som, massinha de modelar, argila.

Avaliação: autoavaliação e engajamento com as atividades. O que você achou das músicas ouvidas? O que mais gostou nas estórias contadas? Como foi a participação do aluno nas atividades? Como você se sente após se expressar desta forma?

4. REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo abordar o conceito de sinestesia e explorar sua possível aplicação na área da Educação Infantil, em particular na arte-educação. Procurou-se especificar, mediante fundamentação teórica, o que viria a ser a sinestesia, suas especificidades e tipos mais comuns. Foram trazidos exemplos de artistas que se utilizaram de sua condição sinestésica para a criação de obras de arte, assim como de artistas que usavam da ideia de sinestesia como base para elaborar suas obras.

Considerou-se de grande importância diferenciar os tipos de sinestesia e o que fosse sinestesia originária, natural ou inata, ou seja, aquela em que os sujeitos experimentam relações sinestésicas entre seus sentidos e produzem obras que são a tradução de seu sentir acerca do mundo. Além disso, o trabalho também buscou apresentar os pseudo-sinestetas, aqueles que produzem obras artísticas que tem a intenção de passar para o observador uma correspondência entre sensações, sem que os artistas a tenham experimentado verdadeiramente.

A partir da constatação do êxito desses últimos artistas em propiciar ao público em geral um vislumbre do que pode ser uma experiência sinestésica, entendeu-se viável a utilização do

conceito de sinestesia também em âmbito escolar, na tentativa de colaborar para o desenvolvimento da criatividade de crianças que frequentam a Educação Infantil.

Frisou-se que para alcançar o desenvolvimento da criatividade é necessário incluir brincadeiras, atividades e rotinas nos planejamentos de aulas de forma que a criança se sinta à vontade para expressar-se de maneira mais livre. Dessa maneira, entendeu-se que o uso do conceito de sinestesia poderia ser uma ferramenta que favorecesse o processo de desenvolvimento da autonomia, do amadurecimento e do crescimento individual do aluno.

Encontrou-se embasamento nesta pretensão ao analisar a BNCC. Ali foi possível encontrar os elementos que ampararam a escolha da faixa etária adequada para o desenvolvimento dos trabalhos pretendidos: as crianças dos quatro aos cinco anos e onze meses que essas estariam naturalmente propensas a movimentos sinestésicos em sua jornada para descobrir e traduzir o mundo.

Com esses elementos em mente foi montada a Oficina de Sinestesia em Educação Infantil. Foram pensados quatro encontros, como amostragem de um trabalho que pode ser alongado, a depender da imaginação, objetivos e necessidades dos educadores, bem como pode ser aplicado a outras faixas etárias. Com isso, quer se mostrar que os encontros e faixa etária escolhida para o projeto não esvaziam as possibilidades de uso do conceito de sinestesia como meio para incentivar e promover a criatividade infantil.

Ressalte-se que o projeto voltado à elaboração da oficina sinestésica foi levado a efeito em meio à pandemia de Covid-19, uma época que dificultou a sua implementação total. À parte de um semestre irregular na Universidade de Brasília (UnB), o que veio a encurtar o tempo disponível para a elaboração do trabalho, houve ainda um retardo no início das aulas da rede pública do Distrito Federal, com paralisação e troca de acusações entre professores e governo quanto à segurança ou não da volta às aulas presenciais. Tanto havia espaço para essa discussão que a própria UnB não fez com que fosse obrigatória a volta às aulas no formato presencial.

Esse cenário veio a impossibilitar a etapa que estaria voltada à aplicação prática da oficina, o que limitou a possibilidade de avaliação da parte teórica frente aos resultados observados em sala de aula, o que viria a propiciar ajustes voltados a minorar os possíveis defeitos e/ou inconsistências.

Em que pese esse fato, entendi que a ideia de utilizar o conceito de sinestesia em oficina para o desenvolvimento da criatividade e percepção sensorial nos alunos da Educação Infantil foi muito válida, não só para mim, que tive a oportunidade de estudar sobre o assunto e desenvolver um projeto que julguei bastante intrigante e interessante, como para educadores que porventura venham a pesquisar acerca do assunto para a formulação de aulas voltadas ao incentivo da criatividade.

A experiência foi muito gratificante e a entendo como uma oportunidade de pensar e colaborar para um projeto maior: o de contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças mediante a arte-educação. Em um mundo em que cada vez mais vemos as crianças presas às mídias eletrônicas e a aparelhos que terminam por torná-las quietas e apáticas, avalio que essas iniciativas voltadas ao desenvolvimento da criatividade e percepção sensorial são ainda mais valiosas e necessárias para o pleno desenvolvimento da criança, e por consequência, do adulto saudável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, E. *A arte tecendo fios para uma educação sensível*. Campinas: Alínea, 2020.

BARBOSA, A. M. *Arte-educação no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BARBOSA, A. M. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo, Cultrix, 2018.

BARBOSA, A. M. *Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras*. Scielo Brazil. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yvtmjR7MGvYKjPDGPgqBv6J/?lang=pt>., Acesso em: 10 março 2022.

BARBOSA, L. M. S. *A educação de crianças pequenas*. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2006.

BASBAUM, S. R. *Sinestesia, arte e tecnologia: fundamentos da cromossomia*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

Base Nacional Comum Curricular – Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>, acesso em: 18 abril 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 16 abril 2022.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação –PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de junho de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 16 abril 2022.

CYTOWIC, R. E. *"The Man Who Tasted Shapes"*. London: Abacus, 1993.

CYTOWIC, R. E. *Synesthesia*. Cambridge: MIT Press, 2018.

CYTOWIC, R. E. *Synesthesia: a union of the senses*. 2nd. ed. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

DAY, S. A. 2001. "A brief history of synaesthesia and music.". Disponível em: <https://www.thereminvox.com/stories/theory/brief-history-synaesthesia-music/>. Acesso em: 12 abril 2022.

FERREIRO, E. *Atualidade de Jean Piaget*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora. 2001.

GARDNER, H. *Arte, mente e cérebro*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 16ª Edição. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

LAYDEN, T. B. "Aportaciones teóricas e prácticas sobre la sinestesia y las percepciones sonoras en la pintura contemporánea", Tesis Doctoral. Barcelona: Facultad de Bellas Artes. 2004.

LEOTE, R. *Multisensorialidade e sinestesia: poéticas possíveis?* ARS (São Paulo), Vol. 12, n. 24, Jul-Dec, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2014.96737>, Acesso em: 19 abril 2022.

MONTESSORI, M. *Pedagogia Científica: a descoberta da criança*. São Paulo, Flamboyant, 1965.

OLIVEIRA, V. B. A brincadeira e o desenho da criança de zero a seis anos: uma avaliação psicopedagógica. In: OLIVEIRA, Vera B e BOSSA, Nádia A. (Org). *Avaliação psicopedagógica da criança de 0 a 6 anos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OSTROWER, F. *Universos da Arte*. 13ª Edição Rio de Janeiro: Campus, 1983.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 17ª Edição Petrópolis: Vozes, 2003.

PIAGET, J. *Seis Estudos em Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

PIAGET, J. Et al. *A Psicologia da Criança*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

PIAGET, J. *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

KANDINSKY, W. *Ponto e linha sobre o plano*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KANDINSKY, W. *Do Espiritual na Arte*. Lisboa: Dom Quixote. 1998.

RAU, M. C. T. D. *A Ludicidade na Educação: Uma Atitude Pedagógica*. Curitiba: IBPEX, 2007.

READ, Herbert. *A educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

REIS, S. M. G. *150 ideias para o trabalho criativo com crianças de 2 a 6 anos: Artes plásticas, expressão corporal, literatura, música, teatro, jogos e brincadeiras em uma proposta interdisciplinar*. Campinas: Papyrus Editora. 2016

RONCA, P. A. C. e TERZI, Cleide A. *A aula operatória e a construção do conhecimento*. São Paulo: Edisplan, 1989.

SANTOS, J. I. G. et al. Ludicidade, Espaço e Aprendizagem: uma relação possível. In: Voos, Jordelina. B. A. e Becker, Rosana (Org.). *Diálogos e Trajetórias: da perspectiva individual à docência compartilhada*. São Paulo: All Print, 2010.

Carol Steen, *painter of sounds*. Wordpress. 2009. Disponível em: <https://synaesthesianna.wordpress.com/2009/10/14/carol-steen-painter-of-sounds/>, acesso em: 12 março 2022.

VECCHI, V. *Arte e criatividade em Reggio Emilia. Explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância*. São Paulo: Phorte, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas: problemas teóricos y metodológicos de la psicología*. Tomo I. Trad. José Maria Bravo. 2. ed. Madri, Visor Dist., 1997.

VYGOTSKY, L. S.. *La imaginación y el arte em la infância*. 4 ed. Madri, Ediciones Akal, 1998.